



MIGUEL SANCHES NETO

Pró-Reitor de Extensão e Assuntos Culturais

ONDE ESTÁ O CONHECIMENTO

Confesso que, embora já calejado pela condição de professor, ainda me deixo abalar com alguns depoimentos. Foi o que aconteceu quando li a declaração de um amigo, o contista e professor universitário Antônio Carlos Viana. Em 2008, ele esteve num evento em Curitiba – o Paiol Literário – e contou sua trajetória de pós-graduação e de docência. Diz ele:

“Fui professor universitário por mais de 20 anos na Universidade Federal do Sergipe. E o nível de leitura dos alunos do próprio curso de Letras era muito baixo. O pior de tudo era que muitos nem gostavam de ler. Então, eu sempre dizia para eles: “Se vocês não gostam de ler e de escrever, não sei qual é o seu papel no curso de Letras. Não dá para entender” [...]. No exterior, fiz um curso altamente sofisticado, que é o de Literatura Comparada. E, sinceramente, nunca dei uma aula de Literatura Comparada. É um paradoxo. A universidade me paga, fico quatro anos na França, estudando, e, na volta, a universidade simplesmente não me oferece um curso de Literatura Comparada. Voltei com aquele ideal de começar a fazer estudos comparativos - meu trabalho era sobre a poesia de Paul Valéry e João Cabral de Melo Neto. Cheguei aqui e só uma ou outra vez me chamaram para fazer uma palestra sobre o assunto. Portanto, três anos depois da minha volta da França, percebi que eu estava chovendo em terra árida demais. Começava a falar e os alunos não entendiam absolutamente nada. Por que falar de Mallarmé, de Valéry? As pessoas nem sabem quem é Mallarmé. O que foi que eu fiz? Eu disse: “Vou voltar ao zero”. Simplesmente voltei a ser professor de redação. Parece uma coisa meio maluca, contraditória. Elaborei um projeto para redação dentro da universidade e não fui muito bem visto. As pessoas achavam que, por eu ter um doutorado, seria um retrocesso dar aulas de redação.”

A primeira coisa que me chama a atenção nesta fala é o fato de que a carreira profissional deste professor o levou a uma formação extremamente desconectada da realidade local. Ele foi estudar num grande centro, adquiriu

um saber extremamente elaborado, mas este saber não tinha a menor relevância no mundo em que ele teria que atuar.

Numa visão invertida do problema, este professor formado com recursos públicos tenta reproduzir um conhecimento tão particular num meio em que ele não podia ser compreendido porque fora das perspectivas de atuação dos profissionais que ele estava preparando. Tocado por uma idéia errônea, ele tenta culpar o meio, por não coincidir com a idéia de alta cultura que foi projetada nele.

Intelectual sério e sensível, ele faz uma correção de rota e começa a trabalhar na graduação não a partir do ponto culminante de sua carreira na pró-graduação, mas a partir da realidade dada de seus alunos, de sua universidade, de seu estado e de seu país.

O conhecimento está em todos os lugares e não apenas nos espaços oficiais de formação.

Mesmo sofrendo a discriminação entre seus pares, ele tenta um outro caminho, e encontra o seu lugar dentro da estrutura universitária, passando a ser uma das referências na área de produção de texto. Poderíamos dizer que o seu doutorado não contribuiu em nada para isso e que foi mais uma perda de tempo, que o afastou do trabalho que ele devia fazer.

Arriscando uma regressão maior e buscando um caso inverso, queria me referir aqui a um outro escritor. Agora um russo. Depois de uma infância e juventude esfoveada, sem uma educação formal, mas revelando inteligência jovial, amor pelos estudos e pela leitura, Máximo Gorki sai de sua aldeia natal e vai para um cidade maior, Kazan, onde pretende cursar a universidade. É a

chance de deixar a pobreza e de conquistar um novo espaço social.

Trabalhando como padeiro, convivendo com as pessoas do povo, e depois trabalhando no porto e em estabelecimentos comerciais, Gorki se desencanta com o saber extremamente estático e distante da universidade da época, desistindo do sonho de cursar medicina. Mas ele faz uma grande descoberta. Neste contato com o povo, ele descobre que toda a forma de conhecimento é legítima, e que sempre se cursa uma universidade quando se busca aprender.

É num porão úmido que ele fez a sua primeira universidade, lendo livros ao acaso, num projeto autodidático de aprendizagem. Depois, cada um de seus trabalhos, quando entra em contato com eruditos ou populares, em cada experiência profissional sua ele vai adquirindo conhecimentos universitários à sua maneira. Pois o conhecimento está em todos os lugares e não apenas nos espaços oficiais de formação. Por isso, ele dá ao seu livro título de Minhas universidades, de onde tirei este trecho de uma conversa:

“O senhor precisa estudar, sim, e isso, de maneira que os livros não ocultem as pessoas. Um velhinho sectário me dizia com muita razão: ‘Todo conhecimento vem do homem’. As pessoas nos ensinam de maneira mais dolorosa, ensinam com brutalidade, a ciência delas crava na gente com mais força” (p.121).

A idéia-base de Gorki é que não há um saber universitário, mas vários, e de que no contato com as pessoas mais diversas é que adquirimos uma ciência necessária. Para que isso ocorra, a universidade não pode ser fechar para a sociedade, devendo abrir-se para o diálogo.

Este diálogo se chama extensão. É por meio dela que evitamos nos distanciar da realidade em que vivemos, chão de toda a aprendizagem, não para ficar restrita a esta realidade, mas para ultrapassá-la em conjunto com a coletividade. Assim, acredito que a extensão deve cada vez mais adquirir esse caráter acadêmico, evitando ser vista como prestação de serviço ou como mero ato de solidariedade ou de militância. ■